

JAZIDAS 1 E 2 DO MONTE DA FAIA (RIO CAIA, PORTALEGRE) : NOTÍCIA PRELIMINAR

Por

VÍTOR MANUEL DE OLIVEIRA JORGE

Da Secção de Pré-História da Associação dos Arqueólogos Portugueses
Colaborador do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia

INTRODUÇÃO

Num trabalho que em 1970 apresentei, com Eduardo da Cunha Serrão, ao II Congresso Nacional de Arqueologia, anunciava-se o «começo de uma tarefa de prospecção sistemática nos terraços do rio Caia a montante de Arronches» ⁽¹⁾. Tal tarefa não pôde ser levada a cabo pelos autores dessa comunicação, ocupados por diversos outros estudos; mas tem sido concretizada pela continuação das prospecções que os Senhores Robin e Fennela Macartney, residentes na região, há anos ali iniciaram. De tais prospecções resultou a detecção de várias novas jazidas líticas das margens do Caia, entre as quais as que são objecto da presente notícia.

A descoberta destas estações — que designei *Jazidas 1 e 2 do Monte da Faia* — foi-me notificada nos inícios de 1972 pelos Senhores

⁽¹⁾ *Materiais líticos da jazida pré-histórica do Porto da Bôga (Curso superior do rio Caia)*, p. 80.

Macartney, que igualmente a comunicaram a Eduardo Serrão e Georges Zbyszewski, solicitando que nos ocupássemos do seu estudo. Assim foi combinado, mas embora dois de nós tivessem podido visitar as jazidas em momentos diferentes (G. Z., V. O. J.), não foi possível uma deslocação conjunta e um estudo aturado no campo, de colaboração. Eis por que me decidi a apresentar esta notícia preliminar sobre as novas estações, resumindo as observações que pude fazer, antes que tal se me tornasse mais difícil pela minha próxima deslocação, a longo prazo, para o Ultramar português. Trata-se, pois, de um primeiro contributo, de uma chamada de atenção, para duas jazidas que merecem um mais demorado trabalho a todos os níveis, e que os meus colegas da Metrópole não deixarão, por certo, de realizar, partindo dos dados que aqui lhes deixo.

Conduzido pelos Senhores Macartney, que antes me haviam mostrado longamente as colecções de artefactos que aqui recolheram, visitei as jazidas do Monte da Faia no dia 9 de Agosto de 1972, na companhia do Senhor Dr. H. N. Savory ⁽²⁾ e de Susana de Oliveira Jorge, durante cerca de duas horas.

1. LOCALIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DAS JAZIDAS

As jazidas líticas pré-históricas do Monte da Faia situam-se no concelho de Portalegre, para sudeste desta cidade, a cerca de 5 km a leste de Assumar (Fig. 1), uma na margem direita (Jazida 1), outra na margem esquerda do rio Caia (Jazida 2), numa zona próxima do «Monte da Faia» em que este rio forma um meandro, tendo, localmente, uma orientação N.-S. (Fig. 2). Cerca de 1 km para sul passa a estrada de Elvas para Monforte; quem segue nesta estrada em direcção de Assumar pode, entre o km 10 e o km 9 virar à direita

(²) A quem devo as fotos das figuras 4 e 5, achega que muito agradeço.



Fig. 1 — Localização genérica das novas jazidas. — Esc. aprox.: 1 : 601.850.

para uma estrada pouco larga que conduz à povoação de Barulho e passa pelas jazidas, atravessando, a vau, o rio Caia ^(*).

Segundo a opinião de Zbyszewski, as estações encontram-se situadas em baixos terraços do rio. A aceitar essa interpretação, verifica-se que tais terraços são cortados pela estrada referida, o que permite a observação de uma cascalheira construída por volumosos calhaus angulosos, prodominando os de quartzito; em ambas as jazidas essa cascalheira encontra-se à mesma altitude, do lado norte dos cortes que foram abertos pela estrada. No entanto, apresenta maiores dimensões e continuidade na Jazida 1 (Figs. 4 e 5), e nela se incorporam peças trabalhadas, bem visíveis por voltarem para o exterior várias facetas de talhe; não foram recolhidas, por não haver tempo para registos rigorosos durante a prospecção realizada em 9 de Agosto. Esta cascalheira não acompanha a curva do perfil (segundo uma direcção paralela à da estrada e perpendicular ao rio) predominante na Jazida 1: na sua zona inferior, soergue-se ligeiramente, aflorando à superfície, e sendo desmontada pelos trabalhos agrícolas, que espalham os calhaus pela colina de inclinação suave. Sobre esta, e numa vasta área em redor (de algumas centenas de metros de diâmetro, mas cujas dimensões serão difíceis de precisar antes de novas e exaustivas prospecções), a norte e sul da estrada, as peças são abundantíssimas à superfície, entre 280 e 290 metros de altitudes absolutas, isto é, entre mais ou menos 5 e 15 metros acima do leito do rio. Na Jazida 2, as peças surgem às mesmas altitudes, mas são, aparentemente, menos abundantes; aí, a continuação do perfil segundo a direcção acima indicada dá uma linha de inclinação ligeiramente superior. Acrescenta-se que a linha deste perfil é, em ambas as jazidas, e na área marginal prospectada, de regular inclinação, não nos tendo sido dado observar qualquer diferenciação de vários terraços na mesma área.

(*) Consulte-se a «Carta Militar de Portugal», na escala de 1 : 25 000, Folha 372 — «Assumar (Monforte)», Serviço Cartográfico do Exército, 1970, e a «Carta Corográfica de Portugal», na escala de 1 : 50 000, Folha 33-A — «Assumar», Instituto Geográfico e Cadastral, 1969.

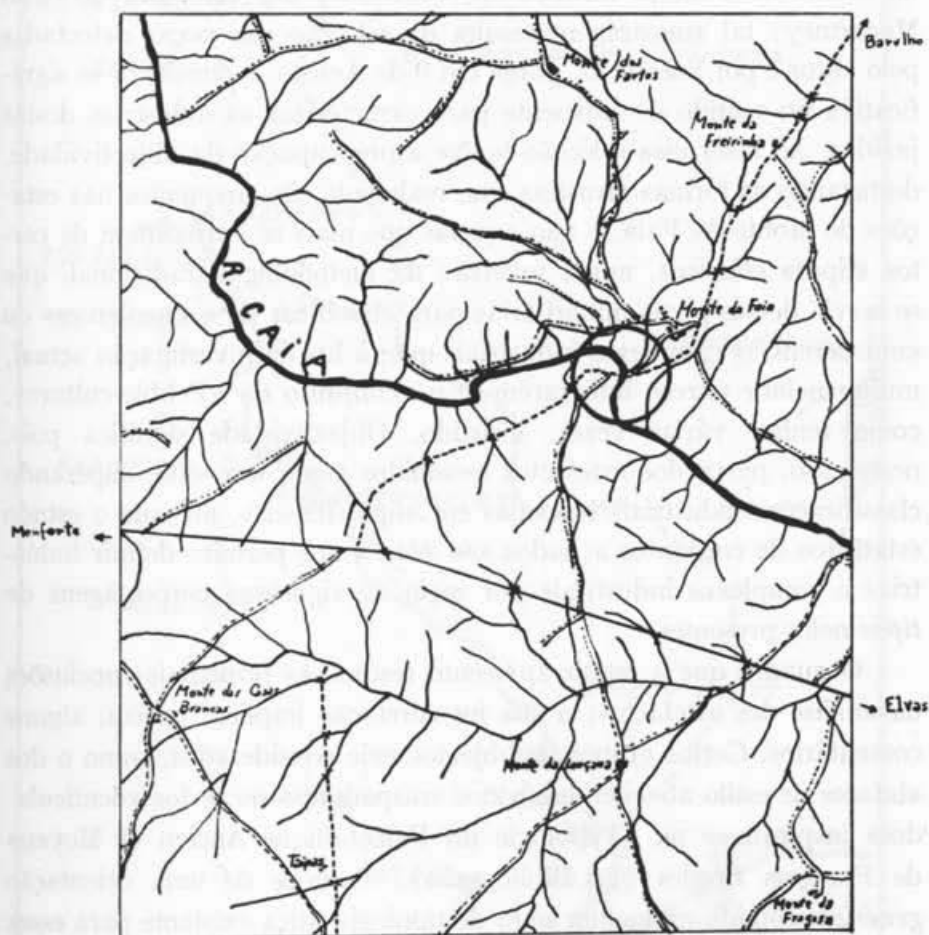
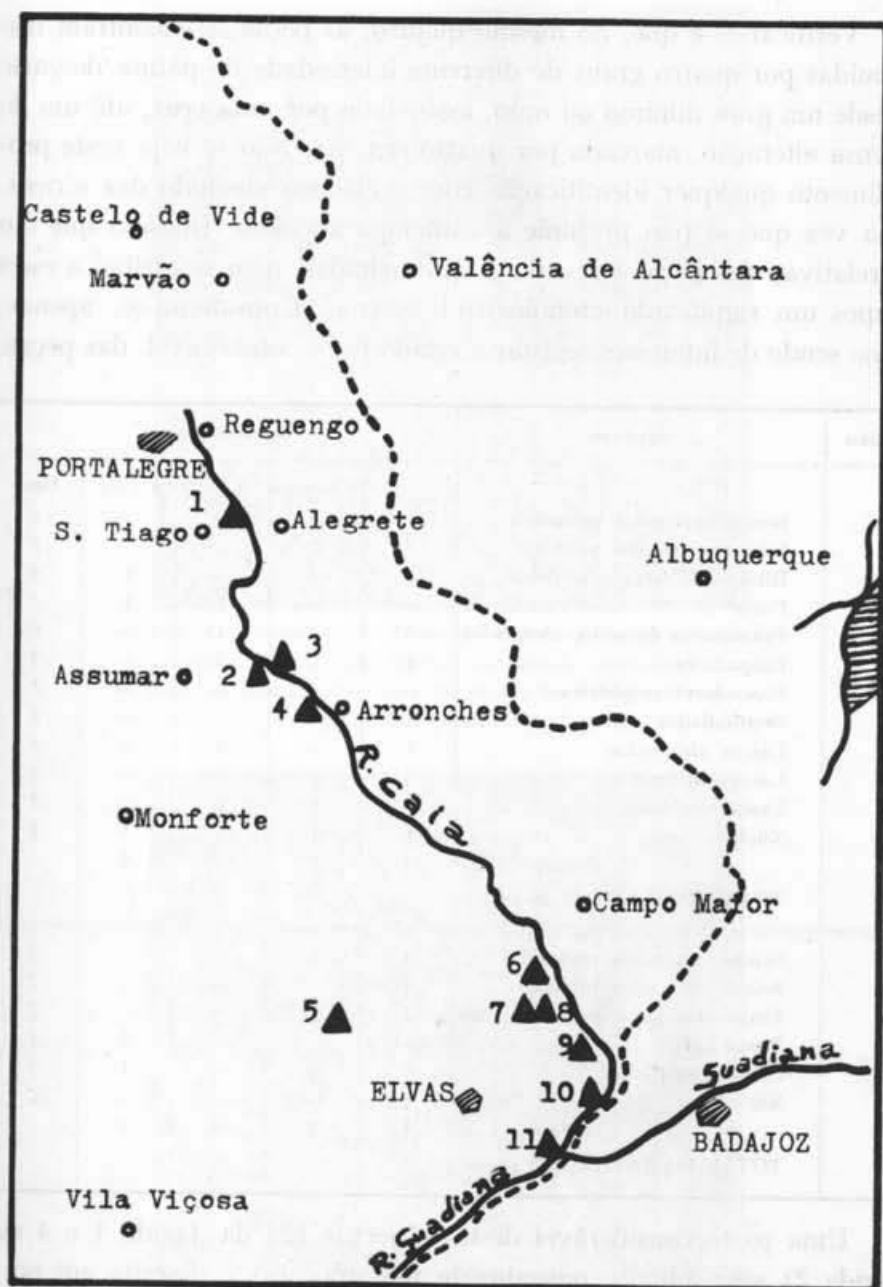


Fig. 2 — Localização das jazidas na carta de escala 1 : 50 000 (indicada pelo círculo).

2. MATERIAIS RECOLHIDOS

Quanto aos materiais, importa ter presente que a amostragem a que se refere o presente trabalho, integralmente recolhida à superfície, equivale a apenas uma pequena parte dos artefactos que as jazidas do Monte da Faia já forneceram, constantes das colecções do casal Macartney; tal amostragem resulta da selecção das peças detectadas pelo autor e por Susana O. Jorge em 9 de Agosto, e considera-se significativa no sentido de suficiente para caracterizar as indústrias destas jazidas. Ao fazer essa selecção houve a preocupação da objectividade, destacando as formas «frustes» que realmente são frequentes nas estações do Monte da Faia, e não aquelas que mais se aproximam de certos «tipos» clássicos, numa inversão da metodologia tradicional, que se servia dessas peças minoritárias para classificar de «acheulenses» ou «mustierenses» complexos industriais que, à luz da investigação actual, muito melhor parece integrarem-se no conjunto da «Pebble-culture», como tenho, várias vezes, insistido. Objectividade significa pois, neste caso, partir dos artefactos recolhidos como um todo, superando classificações industriais baseadas em «tipos-fósseis», até que o estudo estatístico de conjuntos achados «*en place*» nos permita definir indústrias e complexos industriais por meio de rigorosas percentagens de *tipos* neles presentes.

O quadro que a seguir apresento resume as principais conclusões da análise dos artefactos; a sua interpretação implica, porém, alguns comentários. Certos grupos de objectos nele considerados, como o dos «bifaces de estilo abevilense», o dos «raspadores» ou o dos «denticulados» inspiram-se na «*Typologie du Paléolithique Ancien et Moyen*» de François Bordes (V. Bibliografia). Trata-se de uma orientação *genérica*, colhida na melhor obra de tipologia lítica existente para esses dois períodos da Pré-história da Europa, mas que, não obstante, não deve fazer esquecer a necessidade de se criar (a um nível muito diferente daquele a que se situa este trabalho) uma tipologia das indústrias líticas do território português isenta — como frequentemente tenho afirmado — de preocupações de filiação apriorística a modelos estrangeiros.



ESCALA — 1 : 400 000

Fig. 3 — Jazidas líticas pré-históricas do Caia e suas imediações. 1 — Porto da Bôga; 2 — J. 1 do Monte da Faia; 3 — J. 2 do Monte da Faia; 4 — Arronches; 5 — Fontalva; 6 — Freguesia; 7 — Comanda; 8 — Bota-Fogo; 9 — Alfarófia; 10 — Ribeira do Monte Campo; 11 — Caldeirinha

Verificar-se-á que, no mesmo quadro, as peças se encontram distribuídas por quatro graus de diferente intensidade de pátina/desgaste (desde um grau mínimo ou nulo, assinalado por uma cruz, até um de intensa alteração, marcada por quatro cruces). Não se veja neste procedimento qualquer identificação com o clássico «método das séries», uma vez que se não presume a contemporaneidade (mesmo que tão só relativa) das peças em cada grupo incluídas, nem se atribui a esses grupos um significado cronológico-industrial. Considerou-se, apenas, como sendo de interesse, registar o estado físico, observável, das peças.

Jazidas	Artefactos	Graus de pátina				Totais
		+	++	+++	++++	
1	Seixos afeixoados unifaciais ...	2	3	—	—	5
	Seixos afeixoados bifaciais	3	2	2	—	7
	Bifaces de estilo abevilense ...	—	—	—	1	1
	Picos	—	—	1	1	2
	Fragmentos de seixo, afeixoados	5	—	1	—	6
	Raspadores	1	1	1	—	3
	Raspadores/raspadeiras	—	1	—	—	1
	Denticulados	1	—	—	—	1
	Lascas afeixoadas	1	—	3	1	5
	Lascas utilizadas	1	—	—	—	1
	Lascas residuais	—	1	1	—	2
	Núcleos	1	1	1	1	4
	<i>Totais</i>	15	9	10	4	
TOTAL DA JAZIDA: 38 peças.						
2	Seixos afeixoados unifaciais ...	2	—	—	—	2
	Seixos afeixoados bifaciais	—	—	—	2	2
	Fragmentos de seixo, afeixoados	2	—	—	—	2
	Raspadores	—	—	—	1	1
	Lascas residuais	—	1	—	1	2
	Núcleos	1	—	—	—	1
	<i>Totais</i>	5	1	0	4	
TOTAL DA JAZIDA: 10 peças.						

Uma parte considerável destes objectos (23 da Jazida 1 e 4 da Jazida 2) vem adiante reproduzida nas gravuras e descrita em pormenor nas respectivas legendas, pelo que me dispense de me alongar mais sobre este aspecto, cujos pontos mais relevantes serão salientados a seguir.



Fig. 4 — *Jazida 1 do Monte da Faia; um aspecto.* — Em primeiro plano, corte lateral da estrada, mostrando um nível de cascalheira, cujos limites na fotografia estão sinalizados pelas setas.



Fig. 5 — *Jazida 1 do Monte da Faia.* — Pormenor da figura anterior, vendo-se a mesma cascalheira e, em primeiro plano, os xistos do substracto.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

a) As recentes descobertas do casal Macartney ⁽⁴⁾ em novas jazidas líticas do Caia, próximas da classicamente definida por Breuil em Arronches (em 1916), vêm chamar a atenção para a urgente necessidade de se constituir uma equipa adequada à pesquisa do Quaternário e Pré-história deste rio, que reveja criticamente os estudos antigos e aí realize um trabalho moderno de grande fôlego. Necessidade que, sem dúvida, se está a fazer sentir em muitos pontos do País, mas que aqui é aguda pela presença constante de activos prospectores que, se desacompanhados do auxílio técnico dos investigadores nacionais, irão naturalmente recorrer a colegas seus estrangeiros, com óbvio desprestígio da investigação paleolítica portuguesa, que teve na área do Caia-Guadiana um dos seus mais antigos campos de acção, bastando lembrar as pesquisas de Leren Antunes Barradas ou de Abel Viana.

O primeiro estudo a rever seria, precisamente, o de Breuil, vindo a lume em 1920 n'«O Arqueólogo Português» ⁽⁵⁾. Não só as condições de jazida dos materiais aí descritas são extremamente genéricas, como os grupos tipológicos em que os mesmos materiais foram divididos («*coups de poing*», discos ou discos «*coups de poing*» e utensílios sobre lasca ou lascas) são hoje, evidentemente, inaceitáveis, tal como os complexos industriais a que se atribuíram, quer por Breuil na altura — «Chelense» e provável Acheulense —, quer, mais tarde, por outros autores ⁽⁶⁾ — Abevilense, Acheulense e Languedocense —.

Perto, também, das jazidas do Monte da Faia, situa-se a do Porto da Bôga, que, com Eduardo Serrão, revelei em 1970, e onde se imporá continuar as prospecções iniciais, além de outras estações inéditas do mesmo género, também descobertas por R. e F. Macartney, e que aguardam, pelo menos, uma notícia que as divulgue.

⁽⁴⁾ A quem muito agradeço a colaboração que me prestaram, possibilitando a realização desta notícia prévia.

⁽⁵⁾ *La station paléolithique ancienne d'Arronches (Portalegre)*.

⁽⁶⁾ V., por ex., de G. Zbyszewski, «La Classification du Paléolithique Ancien...», p. 103.

b) Como é sabido, está hoje bem provado, por autores como F. Bourdier e J. Tricart, a origem climática da maioria dos terraços fluviais, não parecendo restar dúvidas quanto à sua contemporaneidade genérica com os níveis marinhos de transgressão, embora as relações entre esses fenómenos sejam muito complexas ⁽¹⁾. Um outro ponto parece, também, bem assente: o estudo dos terraços de rios vale sobretudo à escala regional, «à escala das pequenas bacias» como escreve J. Chaline ⁽²⁾, pois que «(...) cada região natural, segundo a sua estrutura geológica, a natureza dos seus terrenos, a sua posição geográfica, reage diferentemente aos mesmos efeitos climáticos» ⁽³⁾. Assim, as generalizações têm de ser feitas cautelosamente, após a realização de estudos em que se apliquem, aos vários terraços, os modernos métodos da geologia, neste caso «baseados em análises sedimentológicas detalhadas, na análise das alterações, tomando em linha de conta a sua posição morfológica, os outros depósitos que neles se intercalam (complexos pedológicos, formações periglaciares, etc....) e elementos de datação tais como faunas (Mamíferos-Moluscos), floras e indústrias pré-históricas» ⁽⁴⁾.

Sem este precioso apoio, conjugado, evidentemente, com cuidadosos levantamentos topográficos e desenhos de cortes levados até ao mais pequeno pormenor relevante, é de pouco valor científico o estudo de jazidas aluviais. K. Butzer ⁽⁵⁾ insiste, no que se refere ao estudo geomorfológico deste tipo de estações, na importância de se detectar solos de ocupação, onde os materiais se encontrem «*en place*» (impondo-se, portanto, uma escavação metódica, como se tem feito em Melka Kontouré, na Etiópia, por exemplo), mostrando, ao mesmo tempo, o pouco interesse da colheita, mesmo que *in situ*, de «coleções de artefactos derivados», isto é, redepostos. Corresponderá o nível de cascalheira do Monde da Faia, como o nível de seixos de Arronches, a uma redeposição, ou, ao contrário, haverá a possibilidade de encontrar nestas jazidas um solo, um nível arqueológico preservado? Este o

⁽¹⁾ V. J. Chaline, «Le Quaternaire», p. 42.

⁽²⁾, ⁽³⁾ e ⁽⁴⁾ Idem, p. 43.

⁽⁵⁾ «Environment & Archeology», pp. 223-226.

problema capital que se deve pôr aos novos investigadores, e que, estranhamente, não afloram, sequer, tantos trabalhos existentes.

Por exemplo, Cornwall ⁽¹²⁾, citado, aliás, por Butzer ⁽¹³⁾, lembra que, no caso de redeposições, isto é, de depósitos várias vezes removidos através de cursos de água de leito variável, um artefacto rolado e um não rolado não derivam, forçosamente, de depósitos de idades diferentes (sendo mais antiga a do depósito do primeiro), podendo dever-se a diferença de desgaste ou pátina ao facto do objecto rolado ter sido arrastado ao longo de uma maior distância até se incorporar na camada em que se encontra, junto com o não rolado. Por estas e outras razões, um nível correspondente a uma redeposição (caso que, infelizmente, deve ser muito frequente), no qual se recolha, *in situ*, diversos materiais, não oferece garantias de estudo rigoroso, de um ponto de vista arqueológico também, pelo facto de os elementos que o constituem não serem contemporâneos, e pelo facto de os diferentes graus de desgaste e pátina das peças não poderem balizar uma sequência cronológica. A tipologia tradicional recorria, para correcção das séries, às «peças-tipo», mas hoje, não podemos, também, confiar em «tipos-fósseis» para a definição das indústrias, como atrás se disse e é bem sabido. Que nos resta, assim? Certo pré-historiador e tipologista francês, perguntando-lhe eu que faria se encontrasse uma estação que não desse garantias estratigráficas, respondeu-me que, anotando-a, passaria, imediatamente, à pesquisa de uma estação de melhores condições para estudo, nas suas proximidades. Ora, é mister reconhecê-lo, a grande parte das estações paleolíticas portuguesas conhecidas (à excepção das de gruta) não fornece tais garantias, razão por que os mais modernos tratados de Paleolítico praticamente se não referem ao nosso território, ao contrário do que vinha acontecendo anteriormente, e desde os anos quarenta sobretudo ⁽¹⁴⁾.

⁽¹²⁾ «Soils for the Archaeologist», 1958, pp. 23 e 24.

⁽¹³⁾ Op. cit., p. 224.

⁽¹⁴⁾ Por exemplo, a obra «Le Paléolithique dans le Monde», de François Bordes, 1968, considerada em todo o mundo o melhor trabalho de bolso actualmente existente sobre o assunto, consagra ao Mustierense português uma linha, e, ao nosso Paleolítico superior, quatro.

Para concluir esta alínea direi que, no caso de estações líticas ou paleolíticas aluviais, como são as do Caia que acabo de noticiar, e ainda de acordo com Butzer ⁽¹³⁾, é essencial uma cuidadosa análise das cascalheiras, a qual, num determinado troço considerado significativo, estude todos os calhaus seus componentes, relacionando-os com o tipo de matéria-prima e de massa inicial das peças talhadas; uma determinação da orientação dos utensílios achados; um estudo sedimentológico das camadas minerais.

Só assim poderemos avaliar cientificamente a importância de uma estação deste tipo; só depois de tal estudo ter sido realizado em Arronches ou no Monte da Faia saberemos o real interesse destas jazidas. Tudo aconselha esse trabalho nesta região do Caia, uma pequena bacia aluvial onde um estudo de determinação de terraços pode vir a revelar-se significativo, à luz das exigências actuais. Mas cabe a geólogos, especialistas do Quaternário, a última resposta à sugestão que um aprendiz de pré-historiador aqui lhes deixa.

c) Quanto aos materiais recolhidos, foram eles, como vimos, divididos em quatro grupos principais de acordo com o grau de pátina/desgaste. Deve dizer-se que a gama de estados de alteração superficial é muito grande nas 48 peças estudadas, sendo em certa medida arbitrária a divisão em apenas quatro grupos; descer a um maior pormenor numa amostragem tão pequena não teria, porém, sentido, pois certos grupos baixariam os seus efectivos até uma só unidade.

No grupo assinalado com quatro cruces predomina a rolamento, por vezes muito acentuado, como no caso de um biface de estilo abevilense cujo aspecto, a este respeito, é semelhante ao de uma lasca de Porto da Bôga reproduzida nas figs. 6 e 10 (n.º 1) do artigo que, com E. Serrão, dediquei a esta jazida. Aliás, pode dizer-se que este grupo apresenta um grau de desgaste e de pátina análogo ao das peças mais patinadas de várias outras jazidas do Caia, patentes no Museu dos Serviços Geológicos, em Lisboa.

(13) Op. cit., p. 225.

No grupo assinalado com três cruzeiros o rolamento, quando existe, é muito menor; aí predomina uma pátina eólica intensa. Esta diminui de intensidade no grupo seguinte (duas cruzeiros), estando, no entanto, ainda presente.

Por fim, o grupo assinalado com uma cruz apresenta uma pátina nula, ou mínima; o seu aspecto é idêntico ao da última série definida em Porto da Bôga.

Acrescente-se que muitas peças apresentam diferentes graus de pátina, tendo sido integradas no grupo a que corresponde a pátina da sua área predominante, ou mais significativa. Neste último caso estão, por exemplo, algumas lascas patinadas após a sua debragagem, mas que só depois foram aproveitadas para a criação de um utensílio, por meio de retoques, como aliás já Breuil verificara em Arronches (v. estampa 8, peça 3, ou estampa 9, peça 8, do presente estudo).

d) Para terminar, algumas palavras a respeito do conceito de *pico* em tipologia lítica, a propósito do aparecimento de dois desses instrumentos na amostragem estudada.

Na tipologia de Bordes, «os picos são uma variedade de bifaces muito alongados quando são típicos, de secção espessa (...)»⁽¹⁶⁾. Mais recentemente⁽¹⁷⁾ o mesmo autor veio definir «pico» desta forma: «Utensílio bifacial, muitas vezes de secção triédrica, mas por vezes losângica, alongado, pontegudo numa extremidade». Esta definição corresponde à apresentada por muitos autores.

Contudo, conhece-se muitos picos, sobretudo feitos a partir de seixos rolados, que não são bifaciais, mas unifaces: é o caso dos dois exemplares estudados neste trabalho, como é o caso do pico caracteristicamente asturiense. Este tipo particular de utensílio nada tem a ver, ao que penso, com o biface, antes apresenta relações mais estreitas com o chamado «triedro sobre seixo» que, por exemplo, em Marrocos, surge pela primeira vez na «civilização do seixo afeiçoado», continuando no Acheulense antigo, para quase desaparecer no Acheu-

⁽¹⁶⁾ «Typologie du Paléolithique Ancien et Moyen», Vol. I, p. 69.

⁽¹⁷⁾ «Le Paléolithique dans le Monde», p. 248.

lense evoluído. É um instrumento que formal e tecnicamente não parece ter relação possível com o biface, além de que foi inventado muito antes, tendo perdurado até aos nossos dias.

Assim, ou se redefine o conceito de *pico*, alargando-lhe o respectivo conteúdo (embora se possa considerar vários sub-tipos e variantes) ou, então, terá de se criar uma nova expressão para caracterizar as peças do tipo das que aqui ficam estudadas (Est. 8, figs. 1 e 2). É um problema importante da tipologia lítica do nosso território, pela relativa frequência com que este instrumento surge na sua «*Pebble-culture*» de todas as épocas.

Lisboa, Janeiro de 1973.

R É S U M É

L'auteur présente dans cette note préliminaire des industries lithiques, provenant de récoltes de surface, de deux nouveaux gisements des rives du Caia (Monte da Faia 1 et 2), tout proches de la station paléolithique d'Arronches, découverte par Breuil en 1916.

Après avoir précisé sa localisation géographique, et ses principaux caractères morphologiques, il conseille une étude détaillée de ces gisements du point de vue de la géomorphologie et sédimentologie, qui, seules, pourront déterminer l'importance de son apport scientifique sous tous les points de vue. Il est surtout intéressant de savoir si le niveau de graviers à outils préhistoriques révélé par ses coupes correspond à des redépôts ou, au contraire, peut nous offrir des pièces en place dans un sol d'occupation, justifiant une excavation future.

D'une façon plus générale, l'auteur appelle l'attention des chercheurs pour la vallée du Caia, où beaucoup de découvertes, divulguées ou non, ont été faites ces dernières années par des archéologues amateurs, et où il serait convenable de réaliser une étude interdisciplinaire d'ensemble, intégrant et donnant tout son sens à ces découvertes.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Barradas, Lerenio Antunes, *Paleolítico de Elvas*, «O Archeólogo Português», Vol. 27, Lisboa, 1929.
- Idem, *Estações paleolíticas do Caia inferior*, «Brotéria», Vol. 28, 1939, pp. 215-223.
- Biberson, Pierre, «Le Paléolithique Inférieur du Maroc Atlantique», Rabat, Serv. Ant. Maroc, 1961.

- Bordes, François, «Typologie du Paléolithique Ancien et Moyen» (2 vols.), Bordéus, Delmas, 2.^a ed., 1961.
- Idem, «Le Paléolithique dans le Monde», Paris, Hachette, 1968.
- Breuil, Henri, *La station paléolithique ancienne d'Arronches (Portalegre)*, «O Archeólogo Português», Vol. 24, Lisboa, 1920, pp. 47-55.
- Butzer, Karl W., «Environment and Archeology. An introduction to pleistocene geography», Londres, Methuen & Co. Limited, 1965.
- Chaline, J., «Le Quaternaire. L'histoire humaine dans son environnement», Paris, Doin, 1972.
- Cornwall, I. W., «Soils for the Archaeologist», Londres, Phoenix House, 1958.
- Jalhay, E. e Afonso do Paço, *Páleo e Mesolítico português*, «Anais da Academia Portuguesa da História», Vol. IV, Lisboa, 1941.
- Jorge, Vítor Manuel de Oliveira e Eduardo da Cunha Serrão, *Materiais líticos da jazida pré-histórica do Porto da Bôga (curso superior do rio Caia)*, «Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia», Coimbra, 1971, pp. 79-92.
- Jorge, Vítor Manuel de Oliveira, «Conjuntos Industriais de Seixos Afeiçãoados do Sul de Portugal: Aspectos e Problemas» (2 vols.) (Diss. de Licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras da Univ. de Lisboa em Julho de 1972, inédita).
- Serrão, Eduardo da Cunha e Vítor Manuel de Oliveira Jorge, *Contribuição para um programa de pesquisa do Paleolítico antigo e médio português*, «Revista de Guimarães», Vol. LXXX e LXXXI, 1970 e 1971.
- Zbyszewski, Georges, «La Classification du Paléolithique Ancien et la Chronologie du Quaternaire du Portugal en 1942», Porto, 1943.
- Idem, «Le Quaternaire du Portugal», «Bol. da Soc. Geol. de Portugal», Vol. XIII, fasc. I e II, 1958.
- Idem, *Conhecimentos actuais sobre o Paleolítico português*, «Comemoração do I Centenário da Associação dos Arqueólogos Portugueses», Vol. II, Lisboa, 1966, pp. 109-133.

Est. I — Seixos e lascas afeiçoados das jazidas 1 e 2

1. Seixo afeiçoado bifacial. Jazida 1. ++

Quartzito.

Comprimento máx. — 10,1 cm; largura máx. — 10 cm (tomados seg. direcções aprox. perpendiculares); espessura máx. — 4,1 cm.

Contorno sub-triangular, achatado, espesso. Gume distal aproximadamente rectilíneo e perpendicular ao eixo maior da peça. A área trabalhada tem uma configuração dissimétrica, sendo paralela ao gume nos 2/3 da direita e reentrante no terço seguinte. No reverso, junto à extremidade direita do gume, alguns pequenos negativos que contribuíram para lhe dar o carácter rectilíneo referido. Na base desta face, pequeno estalamento accidental.

2. Fragmento de seixo, afeiçoado, unifacial. Jazida 1. +

Quartzito.

7,4; 6,2; 4,1 cm.

Contorno sub-trapezoidal, achatado, muito espesso. Talhe vertical em 3/4 da periferia: extremidade distal, onde se criou um gume rectilíneo, bordo esquerdo (gume ligeiramente convexo) e base, arredondada e convexa, e tombando da esquerda para a direita. O tipo de talhe, «remontant», bem como a forma geral da peça, são característicos do que se tem considerado o «Languedocense». Sinais de utilização em vários bordos.

3. Seixo afeiçoado bifacial. Jazida 1. +

11,8; 9,8; 4,5 cm.

Contorno sub-losangular, achatado, espesso. Talhe marginal concentrado na extremidade distal, e formando um gume sub-trapezoidal, convexo, provido de uma grande saliência central, zigue-zagueante. No anverso, três negativos maiores, inclinados; no reverso, área trabalhada sub-horizantal, junto aos 3/4 direitos do gume. Arestas um pouco boleadas.

4. Seixo afeiçoado unifacial. Jazida 1. ++

11; 9,7; 3 cm.

Contorno sub-pentagonal, achatado, espesso. Gume distal sub-triangular, muito convexo, dissimétrico, conseguido por um talhe sub-vertical, periférico, no bordo esquerdo do anverso (zona côncava do gume), e por negativos maiores e menos achatados do lado direito (zona ligeiramente convexa do gume). A convergência destas duas áreas de talhe produziu uma saliência na extremidade superior. Alguns pequenos negativos junto ao gume no reverso são devidos a utilização.

5. Fragmento de seixo, afeiçoado. Jazida 2. +

Quartzito.

11,2; 8; 4,6 cm.

Contorno sub-rectangular, muito espesso. O reverso é ocupado, na sua maior parte, por uma superfície de fractura (à excepção de um pequeno negativo na extremidade dis-

tal, à direita). Essa fractura pode ter eliminado um talhe anterior, de que seriam vestígios dois negativos inclinados, à direita do anverso, com sinais de rolamento; os seus efeitos foram aproveitados para a criação de um gume distal em bisel, perpendicular ao eixo maior da peça, dando-lhe assim um aspecto geral de *«hachereau»*. Superfície primitiva do seixo conservada na base do anverso.

6. Lasca afeiçãoada. Jazida 1. +

Quartzito.

14,6; 9,2; 4,5 cm.

Contorno ovalar, muito espessa. As arestas direitas do reverso e anverso foram desfiguradas por estalamentos térmicos (no segundo caso, produziu-se a eliminação parcial do bolbo de percussão). Um pequeno gume foi criado na parte superior do anverso, a partir da extremidade distal em ponta, através de um talhe sub-horizontal. Na face externa, que conserva a superfície primitiva do calhau, um pequeno negativo marginal vem encontrar-se com os do anverso.

Est. II — Seixos afeiçãoados das jazidas 1 e 2

1. Seixo afeiçãoado bifacial. Jazida 1. +++

Quartzito.

10,2; 5,6; 3 cm.

Contorno sub-elíptico, achatado, espesso. No anverso, apresenta uma série de negativos largos e compridos, sub-horizontais ou ligeiramente inclinados, abarcando a extremidade distal e 2/3 do bordo direito, e ligeiramente patinados. No reverso, dois negativos superiores muito rolados e um inferior, do lado esquerdo, com menor rolamento. Na extremidade distal e na parte superior do bordo direito desta face, pequenos negativos sem pátina.

2. Seixo afeiçãoado unifacial. Jazida 1. ++

Quartzito.

7,5; 7,3; 3,8 cm.

Contorno sub-circular, espesso. Talão reservado na base, e em forma de triângulo. O resto do anverso encontra-se ocupado pelo talhe, sub-vertical junto ao bordo; o gume assim conseguido é genericamente convexo e circular no lado esquerdo e na extremidade distal (não deixando de apresentar várias denticulações) e ligeiramente côncavo do lado direito.

3. Fragmento de seixo, afeiçãoado. Jazida 1. +

Quartzito.

8,7; 4,1; 3,9 cm.

Contorno sub-retangular, espesso. O anverso distribui-se em duas zonas aproximadamente simétricas em relação ao eixo maior, e muito inclinadas: a da esquerda conserva a superfície primitiva do seixo; a da direita é a área trabalhada, que apresenta três nega-

tivos maiores superiores e uma zona junto ao gume (separada daqueles negativos por uma charneira de clivagem) com evidentes vestígios de utilização (só a área trabalhada do anverso foi fotografada), formando um gume lateral direito, contínuo. O reverso, que conserva a superfície primitiva do seixo apresenta, porém, na extremidade distal, vários negativos pertencentes a um seixo afeiçãoado que se fragmentou, produzindo, entre outros, o presente fragmento, posteriormente afeiçãoado.

4. Seixo afeiçãoado unifacial. Jazida 1. +

Quartzito.

11,8; 9,5; 3,4 cm.

Contorno sub-triangular muito irregular, ligeiramente achatado, espesso. De um dos lados (dorso direito do anverso e esquerdo do reverso) mostra esmagamentos acidentais, de origem mecânica. Do lado oposto apresenta uma área trabalhada inclinada, constituída por duas ordens de negativos que se encontram numa saliência central, definindo, assim, duas áreas de gume, uma para um e outra para outro lado daquela saliência. A primeira, junto à extremidade distal, é ligeiramente côncava; a segunda, inferior, é acentuadamente côncava.

5. Seixo afeiçãoado bifacial. Jazida 2. + + + +

Quartzito.

12,9; 9; 4,5 cm.

Contorno sub-pentagonal, ligeiramente achatado, bastante espesso. Gume distal muito convexo e sub-triangular, conseguido pelo levantamento de dois negativos reentrantes, no anverso, e, no reverso, vários pequenos negativos junto ao gume e outros, à direita, tendentes a diminuir a espessura da peça. Provável bolbo na base do reverso, muito desfigurado pelo intenso rolamento anterior ao talhe; nesse caso, tratar-se-ia de uma grande lasca afeiçãoada. A peça denota prolongado rolamento.

Est. III — Picos e lascas afeiçãoadas da jazida 1

1. Pico triédrico uniface. Jazida 1. + + + +

Quartzito.

11,7; 7,1; 5,6 cm.

Contorno sub-losangular, muito espesso. A maior parte da área trabalhada, muito inclinada, distribui-se de forma aproximadamente simétrica em relação a um negativo central, curto e muito comprido, ligeiramente tombado para a esquerda. A base do anverso conserva a superfície primitiva do seixo e apresenta uma aresta central natural, que se encontra com o negativo alongado referido na zona mais espessa da peça. O gume é sub-triangular alongado, apresentando à direita, junto da extremidade distal, uma pequena área de menor inclinação, antes de tomar uma forma e posição paralelas das do lado oposto. A parte esquerda da área trabalhada, onde é nítida uma zona de vestígios de utilização junto ao gume, tem intensa pátina cólica que, na parte direita, foi parcialmente eliminada por intenso rolamento posterior.

2 Pico uniface. Jazida 1. +++

Quartzito.

9,2; 5,9; 3,4 cm.

De contorno grosseiramente sub-triangular, achatado, espesso. A superfície primitiva do seixo encontra-se conservada na base do anverso, prolongando-se para cima a dividir duas áreas de talhe, continuada, depois, por uma aresta, até à extremidade distal. A maior parte da área do anverso é ocupada pela zona esquerda de talhe, reentrante, inclinada, e definindo uma área de gume com três largas concavidades, e entre elas duas convexidades maiores, largas e pouco salientes. A extremidade distal tem forma de ponta romba. A parte direita da zona trabalhada é curta, com negativos menores, verticais ou sub-verticais, os quais definiram um gume pronunciadamente côncavo, constituído por dois segmentos de recta encontrando-se num ângulo muito obtuso (c. 140°). O reverso, na base, tem um negativo accidental devido a acção mecânica.

3. Lasca afeiçãoada. Jazida 1. +++

Quartzito.

9,9; 7,1; 3,4 cm.

Contorno sub-ovóide, espesso. Trata-se de uma lasca com vestígios de intenso rolamento, quer na face externa (onde conserva parcialmente a superfície primitiva do seixo e representa negativos muito irregulares, talvez devidos a acção mecânica), quer na face interna, onde também se nota, sobretudo na base, na zona inferior direita e junto ao bordo direito na sua área superior, vários negativos de grandezas e inclinações diversas, provavelmente accidentais. Aproveitando a forma natural assim produzida, foi afeiçãoada uma ponta, larga e semicircular, na extremidade superior, por meio de alguns pequenos negativos. Trata-se de um utensílio ocasional.

4. Lasca afeiçãoada. Jazida 1. ++++

Quartzito.

9,7; 7,7; 4,1 cm.

Contorno grosseiramente sub-trapezoidal, muito espessa. O reverso é ocupado pela superfície primitiva do seixo, apresentando um estalamento não patinado na extremidade distal e, junto do bordo esquerdo, uma área trabalhada inclinada, com pátina eólica. Talão liso, largo, constituído pela superfície rolada do seixo; provável bolbo na base da face interna, muito espesso, parcialmente eliminado por negativos ulteriores. Os da direita desta face, junto à base e ao longo do bordo direito, não podem ser, com segurança, atribuídos a talhe intencional. A área trabalhada situa-se do lado esquerdo, rolada e com pátina eólica, e estende-se desde a base até quase à extremidade distal. Forma um gume acentuadamente convexo e sub-circular na parte inferior, e côncavo na superior. Esta última concavidade é sublinhada por um levantamento provavelmente recente, sem pátina, recobrimdo os negativos patinados.

5. Lasca afeiçãoada, fragmentada. Provável *hachereau* sobre lasca, fragmentado na extremidade distal. Jazida 1. +++

Quartzito.

11,2; 8,5; 4 cm.

Contorno sub-ovóide, muito espesso. A face externa, que apresenta forte rolamento, tem uma área trabalhada periférica, mais inclinada no bordo esquerdo e na base do que no bordo direito, no qual tende, também, para a sua parte superior, a ser mais curta. O reverso, menos rolado, com pátina eólica, mostra uma zona talhada bastante regular junto do bordo direito, com uma série de negativos contínuos e pouco inclinados, que terão eliminado parcialmente o bolbo, de que restam vestígios evidentes. Na base, alguns pequenos negativos periféricos, de inclinações diversas. A extremidade superior da peça foi eliminada por um negativo térmico (que se não encontra rolado nem patinado), não permitindo, assim, saber-se se se trataria de um *hachereau* sobre lasca espessa, com bolbo lateral, retoque marginal e uma aresta trinchante superior, perpendicular ao eixo maior da peça, talvez sem retoques.

Est. IV — Outros artefactos líticos das Jazidas 1 e 2

1. Seixo afeiçãoado bifacial. Jazida 1. +++

Quartzito.

12,2; 11,1; 4,1 cm.

Contorno sub-heptagonal, muito irregular, espesso. O reverso, que conserva a superfície primitiva do seixo na base e no bordo direito, é na sua maior parte preenchido por um grande negativo principal, de superfície irregular devido às várias clivagens da rocha. A partir deste negativo, foram levantados, na extremidade distal do anverso, quatro negativos principais que definiram um gume convexo, sub-triangular (com o lado esquerdo muito menor do que o direito). Este gume apresenta vestígios de utilização em ambas as faces.

2. Fragmento de seixo, afeiçãoado, unifacial. Jazida 1. +

Quartzito.

9,6; 8; 2,8 cm.

Contorno sub-rectangular, ligeiramente espesso. O reverso é constituído pela superfície primitiva do seixo anguloso, rolado, de que derivou, apresentando, à esquerda, um negativo térmico. O anverso é constituído por uma superfície de clivagem e, no bordo esquerdo, por negativos térmicos periféricos. Esta forma natural foi aproveitada, limitando-se o talhe a um retoque marginal na extremidade superior do anverso (o qual lhe produziu aí uma série de denticulações) e na metade inferior do bordo esquerdo, onde o retoque, muito cuidado, «abateu» a aresta, formando um gume com denticulações pouco pronunciadas. Poder-se-ia classificar como um denticulado/raspador, mas sobre fragmento de seixo; é, pois, um utensílio duplo.

3. Núcleo sub-discóide mustierense. Jazida 1. ++

Quartzito.

Diâmetro máx. — 5,6 cm; alt. ou esp. máx. — 2,5 cm.

Contorno sub-ovóide, espesso. Apresenta, na face superior, uma série de pequenos levantamentos centrípetos, sub-horizontais; algumas charneiras de clivagem contribuíram para a irregularidade da forma. O plano de percussão foi preparado quase ao longo de todo o contorno, deixando uma área central em que se conservou a superfície primitiva do seixo rolado.

4. Lasca afeiçãoada. Jazida 1. +++

Quartzito.

7,6; 5,5; 3 cm.

Contorno sub-pentagonal, ligeiramente espesso. Conserva a superfície primitiva do calhau na base do reverso e anverso, prolongando-se, nesta face, junto à área trabalhada inferior direita. O reverso, onde se não notam vestígios de bolbo, foi afeiçãoado na sua metade superior por meio de vários negativos sub-horizontais, e na zona inferior direita por um negativo maior pouco inclinado. No anverso, o talhe é pouco inclinado na zona superior, ao centro, inclinado nos 2/3 inferiores do bordo esquerdo e vertical nos 2/3 inferiores do bordo direito. Nesta última área do gume, nota-se vestígios de utilização. A extremidade distal apresenta uma ponta encurvada para a esquerda, em forma de «bico», determinada por um pequeno negativo situado à sua esquerda.

5. Fragmento de seixo, afeiçãoado, bifacial. Jazida 1. +++

Quartzito.

9; 6,2; 1,8 cm.

Contorno sub-ovóide, achatado, ligeiramente espesso. O anverso, ocupado por uma superfície lisa de clivagem, apresenta uma área trabalhada periférica, com negativos mais ou menos inclinados, ocupando a parte superior do bordo esquerdo, a extremidade distal e pouco mais de 1/2 do bordo direito. O reverso corresponde à superfície primitiva do seixo e encontra-se talhado, perifericamente, por meio de negativos pouco inclinados, numa pequena zona a meio do bordo esquerdo e na parte superior do bordo direito junto à extremidade distal (c. de 1/3 deste bordo); e por meio de negativos sub-verticais ou verticais, no terço seguinte do bordo direito, onde o talhe aproveitou um negativo accidental anterior. Assim, a peça apresenta duas áreas de gume: uma, predominantemente convexa, irregular, com algumas denticulações e concavidades, na área superior e na de um dos bordos contígua; outra, rectilínea, na parte média do bordo oposto.

6. Fragmento de seixo, afeiçãoado, unifacial, Jazida 2. +

Quartzito.

5,8; 4,7; 4 cm.

Contorno sub-triangular, achatado, pouco espesso. O anverso corresponde a uma superfície lisa de clivagem, em cuja extremidade, por meio de um talhe periférico e inclinado, foi afeiçãoado um gume convexo-côncavo, com uma ligeira saliência central e

uma concavidade, à sua direita, gume esse que tomba da direita para a esquerda. O reverso é ocupado pela superfície primitiva do seixo, apresentando, em todo o bordo esquerdo, um negativo de fractura accidental, e, na parte inferior do bordo direito, algumas esquilolas marginais que parecem, também, accidentais.

7. Raspador transversal côncavo. Jazida 1. +++

Quartzito.

5,5; 5,1; 1,5 cm.

De contorno sub-triangular, pouco espesso. Talão liso e bolbo de percussão bem evidente no reverso, formando, com aquele, um ângulo obtuso. No anverso, vários negativos de lascas convergentes e, na aresta marginal esquerda, junto à base, duas *coches*, muito irregulares e grosseiramente afeioadas (pelo que não foram consideradas na classificação do objecto). Na aresta oposta à base, apresenta, cuidadosamente retocado, um gume sub-rectilíneo e côncavo.

8. Denticulado transversal. Jazida 1. +

Quartzito.

3,3; 4,9; 1,5 cm.

Contorno sub-trapezoidal, ligeiramente espesso. A base da face interna é constituída pelo talão, liso, formado pela superfície primitiva do seixo, adjacente a um bolbo central bem marcado, formando com ele um ângulo obtuso. A aresta oposta à base (trabalhada após a lasca ter sofrido visível desgaste) apresenta, no anverso, duas pequenas reen-trâncias e, no reverso, para a esquerda das anteriores, outras duas, menos marcadas, formando assim uma série de denticulações mais ou menos pronunciadas.

9. Seixo afeioado unifacial. Jazida 2. +

Quartzito.

5,1; 2,6; 1,4 cm.

Contorno genericamente sub-elíptico, alongado; achatado, pouco espesso. Na base do reverso, negativo accidental; no anverso, apresenta um gume lateral, do lado direito, entre a extremidade distal e a base, com três *coches* ou concavidades sub-semicirculares bem marcadas e duas saliências também semi-circulares, alternando com aquelas, e conferindo à peça um aspecto geral de denticulado grosseiro ou *encoche* com múltiplas *coches*. A *coche* central tem vestígios de utilização.

10. Seixo afeioado unifacial. Jazida 1. +

Quartzo.

12,8; 8,8; 4,4 cm.

Contorno sub-trapezoidal, muito espesso. Trata-se de um calhau acentuadamente anguloso, com secção sub-losangular e uma aresta longitudinal no anverso e reverso. Na primeira face apresenta, junto à parte central da aresta lateral esquerda, uma área trabalhada pouco profunda, constituída por pequenos negativos progressivamente mais inclinados à medida que se aproximam do gume, acentuadamente côncavo e constituído por dois segmentos de recta encontrando-se numa pequena zona média sub-circular.

Est. V — Outros seixos afeiçãoados das jazidas 1 e 2

1. Seixo afeiçãoado unifacial. Jazida 1. ++

Quartzito.

16; 11,2; 5 cm.

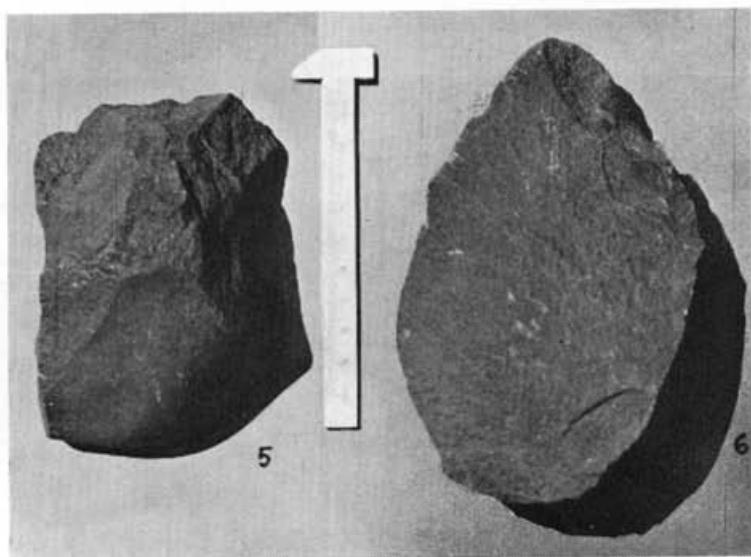
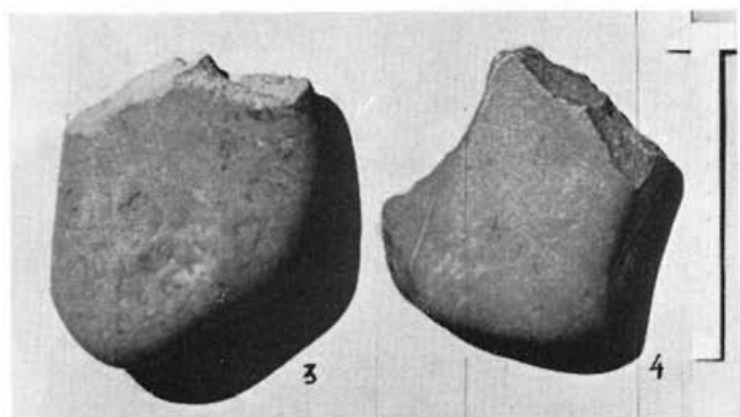
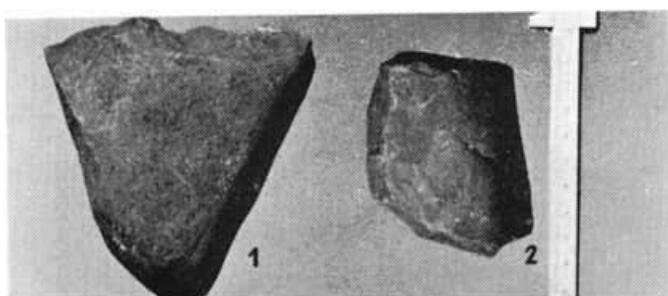
Contorno sub-trapezoidal, muito espesso, achatado, de secção sub-trapezoidal predominante. Trata-se de um grande calhau anguloso, cuja espessura foi parcialmente diminuída pela ablação de várias lascas na área superior direita do anverso. À esquerda da mesma face, e sobre um grande negativo rectangular, sub-horizontal, muito largo, foi retocado um gume rectilíneo, ligeiramente oblíquo, entre a extremidade distal e pouco mais de 1/2 do bordo esquerdo. A superfície primitiva do seixo foi conservada no resto da peça, facilitando a sua preensão.

2. Seixo afeiçãoado unifacial. Jazida 2. +

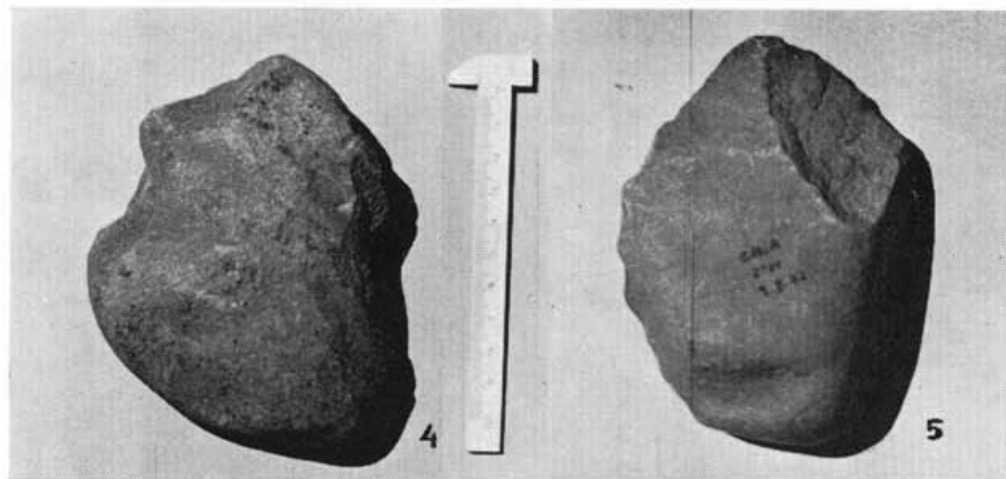
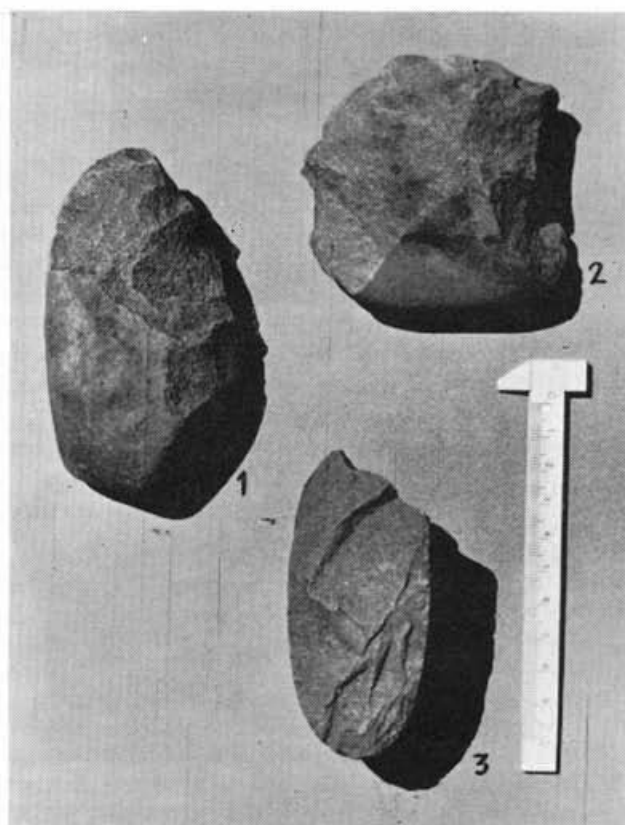
Quartzito.

12,9; 12,2; 4,9 cm.

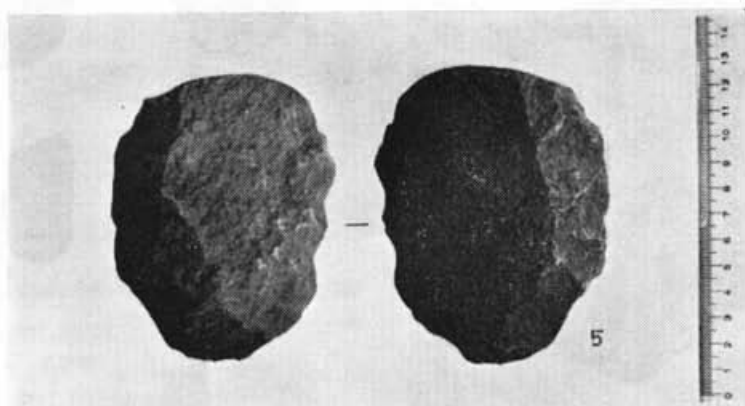
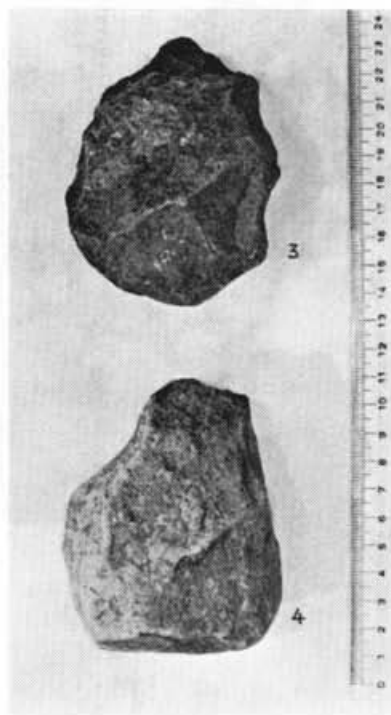
Grande calhau, de contorno grosseiramente sub-pentagonal, de reverso plano, muito espesso. A peça apresenta, ocupando-lhe a maior parte do anverso, quatro negativos principais inclinados, de grandes dimensões, que lhe determinaram uma aresta marginal cortante, abarcando todo o bordo esquerdo, a extremidade distal, e a metade superior do bordo direito. A superfície primitiva do seixo foi conservada na base e na área inferior do bordo direito; ao centro, é prolongada superiormente por uma aresta saliente que separa os negativos em dois para cada lado, e termina numa extremidade distal em ponta larga, muito convexa, encurvada para a esquerda. À direita desta extremidade, o gume apresenta uma concavidade pronunciada. Concreções ferruginosas prendem-se à parede do reverso.



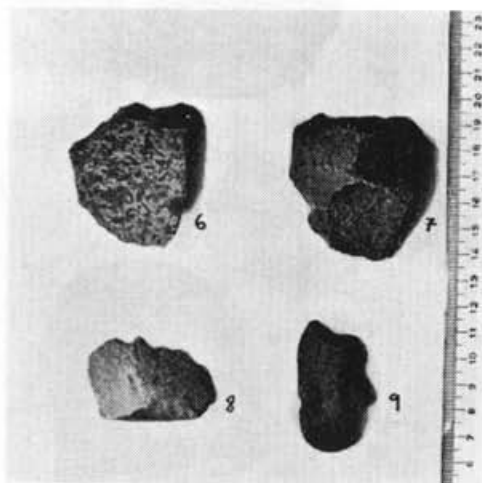
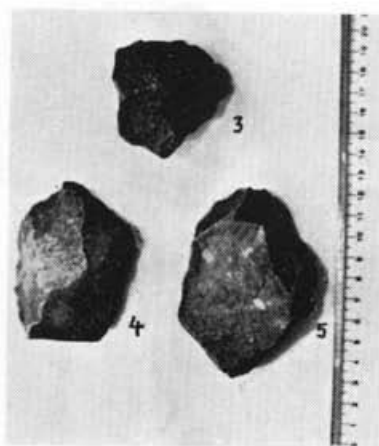
Seixos e lascas afeixoados das jazidas 1 e 2.



Seixos afeiçoados das jazidas 1 e 2.



Picos e lascas afeixoadas da jazida 1.



Outros artefactos líticos das jazidas 1 e 2.



Outros seixos afeixoados das jazidas 1 e 2.